



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO

MULHERES NEGRAS: DA DOR DA SOLIDÃO AO EMPODERAMENTO DA
PARTILHA

Cristina Rodrigues de Oliveira
RA 00186066

São Paulo

2018



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO

MULHERES NEGRAS: DA DOR DA SOLIDÃO AO EMPODERAMENTO DA
PARTILHA

Trabalho apresentado à disciplina - Do
Curso de Pós-Graduação: História,
Sociedade e Cultura Prof. Amailton
Magno Azevedo

Cristina Rodrigues de Oliveira

R.A: 00186066

São Paulo

2018

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. JUSTIFICATIVAS.....	6
3. DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA.....	7
4. OBJETIVO	13
BIBLIOGRAFIA.....	15

1. INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas os estudos sobre a mulher, buscou romper com o silêncio historiográfico referente a elas, demonstrando que essas possuem uma história. Michelle Perrot traz que a partir da década de 70 um olhar sobre a situação da mulher, quando a ciências humana começam a discutir sobre o papel da mulher na sociedade. A história das mulheres nasce com o objetivo de preencher as lacunas da históricas. A própria Michele Perrot se perguntou muitas vezes se havia elementos para construir uma história das mulheres e se ela era possível. A autora estuda o século XIX: as produzidas pelas entidades públicas e aquelas outras oriundas das percepções pessoais e quase que completamente elaboradas por homens e que portanto, contem as representações que eles elaboram sobre as mulheres. A principal preocupação da autora, é romper definitivamente com o silêncio historiográfico das mulheres, demonstrando que essas possuem uma história e que é perfeitamente possível escreve-las através dos vestígios deixados por estas mulheres, ainda que as fontes tenham que ser problematizadas .

Estas são as lacunas deixadas pela história, pensando em um contexto abrangente em relação ao feminino. No entanto, a diversidade feminina sugere pensar outras possibilidades e eixos de estudos para entendimentos e representatividades sociais. Sendo assim, quais são as peculiaridades e representações das mulheres, no que diz respeito a suas etnias, gêneros, culturas e classes sociais? Como as mulheres negras aparecem nos registros historiográficos e quais são as vertentes e peculiaridades de suas histórias? Este trabalho visa estudar e evidenciar as subjetividades das mulheres negras no olhar do feminismo, quais as possibilidades de empoderar-se coletivamente? Até que ponto os rastros deixados ao longo da história impactam nas histórias das mulheres negras? Sueli Carneiro descreve que, o papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada, e a violencia sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance. Todos estes aspectos influenciam no comportamento individual e coletivo das pessoas. Beauvoir (1980) já afirmava que “Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como essencial; não é o Outro que define-se como Outro define o Um, ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso

que se sujeite a esse ponto de vista alheio. Ou seja, a maneira com que a mulher negra foi constituída ao longo da história baseia-se na visão e na definição do Outro, neste caso, o Outro são todas as definições pejorativas de coisificação e sexualização da mulher negra. Assim, faz-se necessário a desconstrução do olhar do Outro, evidenciando a apropriação e a valorização das suas histórias, suas cores, seus traços e suas subjetividades.

2. JUSTIFICATIVAS

Devido a necessidade de reconhecer os processos históricos que colocam a mulher negra num lugar de inferioridade perante a sociedade, faz-se necessário reconstruir esta mulher respeitando sua subjetividade e a empoderando perante aos processos discriminatórios enraizados socialmente. Para ADICHE (2009) “É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder”. Assim, faz-se necessário entender quem detém o poder das narrativas, e como nossas histórias, identidades e subjetividades podem ser pré estabelecidas, marcadas e construídas de acordo com ideias de colonizadores e a cultura patriarcal. Esta pesquisa se justifica através da análise dos espaços de encontro de mulheres negras num contexto de acolhimento, sororidade e autoafirmação. Gonzales. (1983) apresentando um o seu trabalho, define com clareza a lógica do poder que silencia nossas histórias ao longo do tempo da seguinte maneira: “[...] porque o negro é isso que a lógica da dominação tenta (consegue e muitas vezes, nós o sabemos) domesticar. E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações . Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala”. Desconstruindo narrativas colonizadoras enraizadas em nossa cultura, onde a mulher negra exerce um papel de subordinação, inferioridade e solidão.

3. DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA

Para AM Castro, RCF Machado (1994), Feminismo é um movimento social, filosófico e político que busca a igualdade entre os sexos e uma vivência humana por meio do empoderamento feminino, além da libertação de padrões opressores baseados em normas de gênero. Ainda sobre o conceito de feminismo, Soares (1994) descreve como ação política das mulheres, englobando teoria, prática e ética. A autora reconhece as mulheres historicamente, como sujeitos da transformação de sua própria condição social. Assim, a luta pela emancipação e o protagonismo feminino, tem como foco o questionamento de ações e vivências naturalizadas pela cultura patriarcal. Ainda sobre a definição do Feminismo, Ribeiro (2018) afirma que de forma geral, pode se dizer que o objetivo do feminismo é uma sociedade sem hierarquia de gênero – “o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão”

No entanto, pensar nas mulheres e em seus direitos ao longo da história sem distinguir suas peculiaridades e subjetividades, generalizando e abrangendo todas com o mesmo olhar, limita e restringe as possibilidades de pensar suas histórias. Atualmente o feminismo e a história das lutas por igualdade de direito é mais fomentada e reivindicava, porém, ainda assim, quando aprofundamos os estudos sobre o protagonismo social das mulheres, ainda encontramos registros pouco aprofundados.

Quando pensamos nas histórias sociais feminista, existem e existiram diversas lutas por igualdade de direitos. Uma das primeiras mulheres a se destacar. Durante a Revolução Francesa, que ocorreu entre 1.789 e 1.799, algumas mulheres já questionavam a maneira centralizadora com que os homens se colocavam. A francesa Olympe de Gouges, foi uma das mulheres que questionou a supremacia masculina na aquisição dos direitos, pois a carta dos direitos, conquistada na Revolução Francesa contemplava apenas homens. Olympe de Gouges liderou o movimento por uma vida mais digna para as mulheres durante a revolução e escreveu pós revolução um documento sobre os direitos das mulheres. Contemporânea a Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft elaborou os primeiros pensamentos sobre a opressão estrutural das mulheres e suas raízes “Desafortunada é a situação das fêmeas, educadas de acordo com a moda, mas

deixadas sem fortuna alguma” , escreveu ela em 1787, no livro *Thoughts on the Education of Daughters* (Pensamentos sobre a educação das filhas) – um dos primeiros, se não o primeiro escrito em que uma mulher abordava a situação da mulher na Europa.

Porém, estas reivindicações pouco impactaram naquelas sociedades, a supremacia masculina em detrimento da feminina, era muito pouco ou quase nada questionada. No século seguinte (XIX) as Sufragistas surgiram fazendo mais barulho, muitas vezes até utilizando a violência, para chamar a atenção dos meios sociais e das mídias da época. A partir deste movimento, denominado primeira onda, quando as mulheres inglesas começaram a lutar por seu direitos. Naquele momento o que mais se popularizou foi o direito ao voto. As *suffragettes*, popularmente conhecidas, realizaram manifestações com grande impacto em Londres. As estratégias utilizadas por elas para causar impacto e percepção social a respeito de seus direitos, era, além das manifestações públicas, também greves de fome. No entanto, o que trouxe maior visibilidade ao movimento, foi a morte de Emily Davison em 1913, quando ela atirou-se a frente do cavalo do Rei Jorge Frederico Ernesto Alberto. O ocorrido trouxe uma grande repercussão ao movimento feminista, popularizando os questionamentos e reflexões a respeito dos direitos das mulheres, em 1918 as mulheres do Reino Unido conquistaram o direito ao voto.

No Estados Unidos também houve um movimento bastante representativo neste período, as mulheres lutaram pelo movimento abolicionista e conquistou alguns pontos positivos, no entanto não conseguiram mudar o olhar social para a necessidade de seus direitos. Então na Convenção de Akron dos Direitos da Mulher, Ohio em maio de 1851 a ex escravizada, Sojourner Truth fez um discurso que impactou diversos meios sociais e trouxe outras reflexões a respeito do paradoxo feminino, problematizando para o quanto este paradoxo não se encaixa quando se trata da mulher negra, ou seja, a mulher negra não se encaixa nas reivindicações feministas com necessidades prioritariamente branca. Ribeiro (2018) descreve em sua obra “Quem tem medo do Feminismo Negro?” o discurso de Sojourner Truth:

...Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Consegui trabalhar e

comer tanto quanto um homem — quando tinha o que comer — e aguentei as chicotadas! Não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos, e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu!

Ribeiro (2018) destaca ainda que, naquele momento enquanto as mulheres brancas reivindicavam o direito ao voto e ao trabalho, as mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas. Diante desta realidade, aparece de maneira mais significativa a importância de outras pautas em relação as peculiaridades e demandas das mulheres negras em relação as pautas e necessidades das mulheres brancas.

Assim, a luta da primeira onda era prioritariamente branca, com raras exceções como no caso de Thuth. As mulheres lutavam por educação igualitária, pois, a educação era diferente para homens e mulheres, o casamento escravizava a mulher numa condição subalterna ao homem, beneficiado com uma mulher para servi-lo nos afazeres domésticos, e nas relações sexuais. Segundo descrição das feministas da época, esta demanda cultural colocava as mulheres quase que numa condição de prostituição autorizada e gratuita.

Ainda sobre esta primeira onda, as mulheres proletárias trabalhadoras que lutavam por direitos numa abordagem mais socialista ou movimento operário foram; Flora Tistan socialista utópico, Clara Zetkin socialismo marxista, estas foram fundamentais para a construção feminista, tendo um papel fundamental na conquista pela celebração do dia internacional das mulheres, e a Emma Goldman movimento feminista Anarquista.

No Brasil, as primeiras reivindicações feministas no século XIX destaca-se pelo nome de Nísia Floresta, que lutava por direito ao voto e pela importância do trabalho sem a necessidade da autorização do marido.

A segunda onda aconteceu mais ou menos entre 1960 e 1980. Naquele momento os questionamentos persistiam, o que é ser mulher? Por que, embora alguns direitos fossem adquiridos, as mulheres ainda assim, continuavam num lugar de submissão na sociedade? Simone de Beauvoir filósofa francesa, autora do aclamado livro “O segundo sexo” trás a afirmação de que o mundo se constitui no androscentrismo, ou seja, através de uma perspectiva masculina. Nesta obra, a autora trás a abordagem sobre as raízes da opressão feminina e analisa o desenvolvimento psicológico e as condições sociais que interfere as relações da

mulher. A afirmativa “Não se nasce mulher, torna-se mulher” trás uma provocação e ao mesmo tempo uma reflexão mais profunda a respeito da condição histórica da mulher. Com poucas referências, Beauvoir construiu a habilidade e a possibilidade de compreender a si mesma e a outras mulheres dentro e fora da logica patriarcal.

Ainda na segunda, onde questiona-se a maneira velada com que as relações privadas são transmitidas. Na ocasião, Carol Hanish – uma das criadoras do feminismo radical - diz uma frase que fica marcada nesta segunda onda “O pessoal, também é político” , ou seja, frases como “ Briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” trás uma ideia de privar os abusos sofridos pelas mulheres. Hanish passa a juntar mulheres em encontros cujo objetivo era dividir suas condições privada e pessoal, na vida cotidiana. Assim, elas começam a identificar várias semelhanças de abusos sofridos, entendendo que a violência doméstica, não é um problema privado, é publico e precisa ser questionado, para que as mulheres se fortaleçam em suas vidas privadas.

Ribeiro (2018) destaca que [...] desde a década de 1970, militantes negras estadunidenses como Beverly Fisher denunciavam a invisibilidade das mulheres negras dentro da pauta de reivindicação do movimento. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no fim da mesma década e no começo da seguinte, lutando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos”.

Ribeiro (2018) descreve a terceira onda da seguinte maneira:

A terceira onda, que teve início da década de 1990 e foi alavancada por Judith Butler, começou-se a discutir os paradigmas estabelecidos nos períodos anteriores, colocando-se em discussão a micropolítica. As críticas de algumas dessas feministas vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em conta as especificidades de cada uma. A universalização da categoria “mulheres” tendo em vista a representação política foi feita tendo como base a mulher branca de classe média —trabalhar fora sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras ou pobres. Além disso, essa onda propõe a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, ou seja, masculino/ feminino.

Esta onda é marcada pela pluralidade e subjetividade das múltiplas faces e necessidades distintas das mulheres. Assim, torna-se necessário dialogar com as diversas especificidades de cada uma. Trago novamente Ribeiro (2018) com a seguinte afirmativa “A universalização da categoria “mulheres” tendo em vista a representação política foi feita tendo como base a mulher branca de classe média — trabalhar fora sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma

reivindicação das mulheres negras ou pobres”. Se não se nasce mulher, se ser mulher é um construto, se o gênero é performance (em termos butlerianos), não faz sentido a exclusão das trans. como sujeitos do feminismo. Sendo assim, é importante entender o movimento com a subjetividade e necessidades de; Mulheres e homens trans, mulheres lésbicas, mulheres negras, ou seja, recortes de classe, raça/etnia e sexualidade. Baseando –se na teoria pós estruturalismo.

Isto posto, pretendo tomar as reflexões do feminismo negro para abordar questões específicas. Luiza Barros, considera que a chave para entender por que certos feminismos desconsideram a categoria raça, classe social de orientação sexual que favorecem discursos e práticas voltados para as percepções e necessidades de mulheres brancas, heterossexuais de classe média e alta.

A aceitação mais ou menos crítica de que existem grupos mais discriminados que outros, resultou na incapacidade de oferecer uma formulação que evidenciasse como somos todas e todos afetados pelo sexismo, homofobia, machismo, misoginia. Entender, respeitar e evidenciar as diferentes lutas e resistências ao longo da história protagonizada pela mulher, amplia os olhares para a diversidade e a subjetividade do feminismo.

Nos diferentes extratos sociais as mulheres negras são representadas no imaginário como a escrava prestativa, a mãe zelosa e submissa e o corpo disponível. Assim, é importante evidenciar o feminismo negro, chamando a atenção para subjetividade histórica da mulher negra. O histórico de escravidão e a grosseira relação de poder estabelecida no período, submeteu a mulher negra ao mais profundo grau de culpa, pela história contada da maneira com que conhecemos. O mais triste e decepcionante de tudo isso é que até os dias atuais a mulher é submetida a assumir as responsabilidades por ter sido estuprada, invadida pelo colonizador e ainda julgada pelos diferentes setores sociais.

Considerando o fato que mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis, inclusive esteticamente. Em contrapartida para a mulher branca consiste no modelo estético ideal.

A necessidade de fomentar uma pesquisa sobre a subjetividade e as lutas de resistência da mulher negra na sociedade brasileira, faz se necessário tomar as reflexões do feminismo negro. Respeitando e reconhecendo as peculiaridades da mulher negra ao longo da história, lutando por políticas afirmativas e por direitos.

Pautas como o genocídio da juventude negra, o racismo histórico, o preconceito em relação a estética e as peculiaridades da mulher negra, não são presentes e nem prioritárias, entre os debates de outros tipos de feminismos. Só é possível haver justiça social se as diferenças forem respeitadas e reconhecidas como fundamentais para a evolução humana.

Dentro dos movimentos feministas existe certa resistência em relação as diferenciações, há uma discussão, inclusive, sobre o quanto a separação, a distinção dos movimentos podem rotular e/ou categorizar o feminismo, havendo assim a possibilidade de enfraquecimento das mulheres no contexto das lutas políticas. Porém, o empoderamento da mulher negra como a nova agenda em destaque, tornou-se um ato político e de resistência para o reconhecimento aos direitos e a equidade nas relações, o posicionamento ideológico sobre a diversidade de reconhecimento e a luta para desconstruir o estereótipo que condiciona a mulher negra a um posição de submissão.

4. OBJETIVO

Como o espaço “Núcleo de mulheres negras” (coletiva) pode refletir ou contribuir para o autoconhecimento e empoderamento destas mulheres, numa perspectiva de ampliação de reconhecimento individual e social. Diante deste contexto, faz necessário dialogar com outras histórias, identidades muitas vezes impostas e distorcidas, possibilitando e pautando a valorização da mulher negra periférica. O Núcleo de mulheres negras surgiu em 2014 idealizado Mariana Brito e Alessandra Tavares, duas mulheres que por meio de experiências em trabalhos sociais e de militância na periferia da zona sul de São Paulo identificaram a necessidade de haver um espaço específico de trocas, subjetividades, solidão, dores e amores de mulheres negras. No início houve alguns questionamentos por parte das demais militantes brancas, pois não aceitavam a separação com o argumento de que mulheres vivem situações semelhantes e que é importante a união entre “todas” as mulheres. Mariana e Alessandra insistiram na ideia, apresentaram argumentos relacionando a subjetividades e empatia que aquele grupo de militantes estudavam e viviam na ocasião. Ambas articularam os espaços, pensaram nas estratégias dos encontros e convidaram mulheres negras e eu me encontrava neste grupo. O encontro nos proporcionou mergulhar no processo de construção do Núcleo, que nos fortalecia e abriam conexões muitas vezes ofuscadas pela autoestima destruída. Na cartilha *Sujeitos, Frutos e Percursos: Jovens Facilitadores de Práticas Restaurativas* (2016) Carmen Faustino e Flávia Rosa, mulheres negras que fazem parte do grupo, descrevem a experiência do Núcleo da seguinte maneira;

O Núcleo Mulheres Negras nasceu de um silêncio herdado e ensurdecedor que ecoou na periferia de São Paulo. Mulheres negras que já se encontravam em outras estradas, mas que uma vez por mês estão juntas para elaborarem suas subjetividades conflituosas, carregadas de dores, alegrias e alívios. Um encontro que implodiu nossos corpos sufocados das imposições sem escolhas; transbordou auto e explodiu pelas bocas, corpos, poros e olhar. Foi parido no grito forte, fino e estridente, que urrou aos ouvidos menos atentos, despertou da doença racista que por muitas vezes nos deixa inerentes e nos projetou uma nas outras.

Nossos espelhos refletem igualdades e diferenças, forças e fragilidades, lágrimas e sorrisos. Quando nos colocamos em roda, olhamos umas nas outras em segredo e comungamos de uma energia acolhedora, que nos permite demonstrar somente o que desejamos, mesmo que seja apenas naquele momento.

É urgente sair da dor, minimizar os efeitos das violências que recebemos e dignamente poder dizer não a tudo aquilo que não aceitamos mais. Um empoderamento que nos possibilita traçar a continuidade ou um novo

caminho, com mais saúde e bem estar, decidindo nós mesmas pelo que nos agrada, ser mulher negra sem influencias negativas e viver somente o que desejamos em nossas vidas.

As partilhas são repletas de momentos de fala, escrita que escuta, somos nós, nossa própria temática. As trocas de olhares e afagos acessam memórias e lugares esquecidos, não há espaço, para o crivo do julgamento e podemos sucumbir como vier, pois a neutralidade é sensível e amorosa. No ápice das nossas emoções, percebemos a importância de localizar nossas doenças e expurgar o que não podemos mais carregar, para conseguir buscar entendimento e alternativas mais saudáveis para nossas vivências.

Descobrimos e construímos um espaço potencial de vida, repleto de sensibilidade, liberto de avaliações e pudores. Ser mulher negra é ter um universo dentro do peito e nossa roda de amor e cura acomoda dignamente toda essa imensidão. Podemos escarnar tudo, ser e ter toda a intensidade que foi abafada ao longo dos anos. E, a partir de um olhar panorâmico sobre nossa herança, que se entrelaça com a contemporaneidade, trazendo fortes dissabores e deleites, o Núcleo nos projeta para horizontes mais saudáveis e prazerosos, que acalantam nossos passares e reafirmam com segurança nossos momentos de alegria e prazer por completo, pois também nos pertencem.

É nosso lugar de potencialidade, criado na base do amor, para a cura das nossas. O núcleo de Mulheres Negras é feito de momentos únicos de intimidade coletiva e pessoal. A cada história parecida com as nossas e de tantas outras, são renovados nossos olhares e perspectivas para a vida. Potencializar os momentos únicos de intimidade coletiva e pessoal. A cada história parecida com as nossas e de tantas outras, são renovados nossos olhares e expectativas para a vida. Potencializar os momentos de escuta, olhar, compressão e afeto para nós e para nossas, é perceber que existe uma trajetória conjunta que nossas dores não podem mais ser abafadas.

Esta descrição cheia de afeto transmite o quanto significativo o núcleo é para as mulheres que participam dos encontros. A temática da mulher negra como sujeita de sua própria história, o machismo e suas peculiaridades de construção em relação a mulher negra periférica, as similaridades das dores relacionadas ao racismo, a solidão e os diferentes silenciamentos, às aproximam e transmitem o fortalecimento destas mulheres. Investigar a potência dos encontros, estratégias de acolhimento, possibilidades e os por quês que norteiam este grupo. Acessar os conflitos, entender as peculiaridades, compreender os sofrimentos, as violências que nos acompanham desde a diáspora de nossos ancestrais, até os dias atuais, marcam nossos corpos, atrofiam nossos sentimentos e ferem a alma. Talvez a relação entre estas mulheres, abram caminhos de auto cuidado, auto afirmação e acolhimento das diferentes subjetividades e similaridades de mulher negra.

BIBLIOGRAFIA

ADICHE, Chimamanda Ngozi, “The Danger of a Single Story”. TED Global, jul.2009. Disponível em: <ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story> Acesso em 15 de julho 2018.

AM CASTRO, RCF MACHADO – Feministas no Brasil e na América Latina: Reflexões sobre Educação e Mulheres – Revista Contrapontos, 2016

BAIRROS Luiza, Nossos feminismos revisados

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARNEIRO Sueli, Gênero, Raça e Ascensão social.

CARNEIRO Sueli, Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero - <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em 8 de agosto

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *O papel da mulher na sociedade brasileira*. Apresentado no Spring Symposium The Political Economy of the Black World, Los Angeles, Center for Afro-American Studies: UCLA, 1979. (mimeo).

HOOKS Bell, Intelectuais negras.

PERROT Michelle, Os excluídos da história. Cap. A mulher, o Poder e a História.

PERROT Michele, Minha história das mulheres. Cap. Escrever a história das mulheres

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? (Kindle Location 1810). Companhia das Letras. Kindle Edition.

SUJEITOS, FRUTOS E PERCURSOS: Jovens facilitadores de práticas restaurativas CDHEP, 2016

SOARES, Vera. **Movimento de mulheres e feminismo**: evolução e novas tendências. IN: Revista Estudos feministas. Rio de Janeiro, 1994.

TIBURI Marcia In: “Filosofia Prática” (Record, 2014)

GELEDES - Sojourner Truth <www.geledes.org.br/sojourner-truth/> Acesso 08 de agosto de 2018